Nº 292 3-248
Biblioteca de Lisboa Biblioteca
G. A Monarquia

Portefeuille
portegren

# A Monarquia

Diario Integralista da Tarde

Director
Conde de Monsaraz
Redactor principal
Antonio Sardinha
Propriedade da Sociedade Integralista Editora, Limitada
Escritorios e tipografia
R. de S. Paulo, 20
Impressão — Rua da Atalaia, 134
Editor — João A. Santos
Telefone: C. 1035

## A transformação do Estado

Anuncia-se nos jornaes para esta noite uma conferencia na Liga Naval Portuguesa pelo professor Martinho Nobre de Melo. E' o tema escolhido para essa conferencia «*O momento politico e social*», com referencias concretas ao problema da Ordem nas suas relações com o Estado e ao encontro natural do Sindicalismo com o Tradicionalismo para uma obra comum de realisações. Isto segundo a nota que eu vejo publicada na imprensa. Conhecido os titulos scientificos do conferente que, alem de catedratico ilustre, é um espirito dotado duma interessante formação literaria, eu calculo bem como a noite de hoje na Liga Naval ha-de ficar assinalada na historia das idéas nacionaes. Porque o assunto escolhido pelo dr. Martinho Nobre de Melo se prende de perto com algumas das predilecções mais queridas da minha inteligencia, de aqui lhe peço venia para fixar certos aspectos de doutrina que são a essencia do nosso movimento e cuja verificação o confio antecipadamente ao exame esclarecido do eminente professor.

Vai ocupar-se o dr. Martinho Nobre de Melo das afinidades do Sindicalismo com o Tradicionalismo. Não ha duvida que, partidos de posições extremamente antagónicas, essas duas correntes sociaes fendem a encontrar-se actualmente na sua luta infatigavel contra o individualismo politico e economico saído da Revolução Francesa. Baseia-se o *Tradicionalismo* na experiencia da historia e pretende restituir o equilibrio á sociedade pela sua devolução aos velhos conceitos de autoridade e de hierarquia.

Por seu lado, o Sindicalismo encara de frente a questão do trabalho e pela organização das profissões esforça-se por corrigir os excessos do Capitalismo escravisando a independencia e a dignidade da produção. Achamo-nos assim em face da mesma necessidade de competencia e disciplina, embora uma se respeitabilise pelo prestigio das grandes verdades de sempre, emquanto a outra, erriçada de violencia e de reivindicações, se apresente ainda apenas no seu aspecto negativo. No entanto, a sua influencia é já sensivel á natureza do Estado, cuja transformação, indiciando uma crise latente, se declarou em aberto desde que a guerra veiu denunciar-lhe a estrutura viciosa.

Prefaciando a tradução duma obra celebre de Leon Duguit, já em 1909 o sabio espanhol Adolfo Posada se apercebia superiormente de semelhante fenómeno. «Verifica-se, com efeito, — escrevia elle, — debaixo da influencia da filosofia, da sociologia e de historicismo ambiente, uma renovação de método, não só para a elaboração teórica da politica, mas tambem para a compreensão e interpretação do fenómeno politico.» E depois de afirmar que o Estado não é uma construção, um facto teórico, um improviso legislativo no seu conteúdo orgánico, mas uma realidade produzida pelo actuar espontaneo da sociedade, Adolfo Posada acentúa a falencia do liberalismo pela desorientação dos politicos em face das exigencias modernas da vida social. O Estado politico, firmado sobre as abstracções anarquicas de 89, abria já então falencia para o reputado pensador espanhol.

Essa falencia atinge a fase ultima na ocasião presente. Ainda ha pouco Georges Valois no seu livro recente *Le cheval de Troie* asseverava que os Aliados eram sobretudo victimas dum erro de Estado. O Estado é por sua condição um elemento de ordem *pacificadora* e como tal, *guerreiro* ou *militante*. O Estado democratico, absorvido em funções de administração e de tutela que por indole lhe não pertencem, deixa de ser o que em verdade o Estado deve ser: — um agente de ligação entre o interesse pessoal e o interesse geral. Sucede assim que o interesse geral se desvanece para que os interesses pessoaes se apossem da função soberana afim de a utilisarem em seu beneficio numa luta brava duns contra os outros. Com razão nesta instabilidade a guerra europeia, prolongando-se quasi como um mal cronico, revela a fraqueza dum sistema que, ainda conforme Georges Valois, se repousa sobre dogmas duma simplicidade verdadeiramente prehistorica.

Ora o que sucede na guerra sucede na paz. Impossibilitado de vencer a primeira o Estado democratico, — parlamentarista em politica, capitalista em economia — não assegura nunca a segunda. Fraco e hesitante na sua acção exterior, fermenta e cultiva, pela falsidade do principio em que assenta, as desavenças intestinas, quando, nas suas condições normaes, deveria desviar para fora para a expansão e para o dominio, as energias revoltas que internamente lhe ameaçassem a integridade. Exemplificada no duelo da Alemanha com a França, a degenerescencia contemporanea do Estado e a sua inevitavel transformação, eis como no *Matin* em 8 de Novembro passado se exprimia Abel Ferry: — «*Na guerra de povo com povo, a França tem sido superior á Alemanha. Na guerra de governo com governo, a França mostra-se inferior ao inimigo.*» E logo dias a seguir o general Maleterre, aproposito da superioridade militar que a Alemanha continua mantendo, apesar das suas fraquezas e dos seus desastres, escrevia no *Temps* que tudo isso era devido ao facto dela ter um chefe que unifica na sua mão todos os recursos da ofensiva e da defensiva.

Bem a claro, numa comparação insuspeita, os defeitos e as virtudes do Estado, reparemos nós tambem que, ao passo que uma illusoria liberdade politica incapacita por tara de regime nos paises democraticos a legitima autonomia economica das classes, na Alemanha, á capacidade militar do Estado corresponde a necessaria estructura, não *individualista*, mas *corporativa ou sindicalista*, como queiram, de sociedade. Padecem os Aliados as consequencias do seu liberalismo constitucional, — consequencias já descriminadas pela observação profunda de Posada. Pelo contrario, no seu excessivo dispendio de riqueza e de vidas, a Alemanha, já com obrigação de estar vencida, encontra em si propria constantes motivos de robustecimento e de pertinacia. Porquê? Porque, sem participar de erros grosseiros, a Alemanha operou já em si, conscientemente, aquela transformação que os factos impõem á natureza organica do Estado. Meditadas assim, enchem-se de outro sentido as tão impugnadas palavras do quimico Ostwald aos Francêses no primeiro outono da guerra. «*Entre os nossos inimigos, os Russos, acham-se ainda, em resumo, no periodo da horda*, — declarava ele —, *ao passo que os Francezes e os Inglezes atingiram já o grau de desenvolvimento cultural que nós ultrapassámos ha mais de cincoenta anos. E' o estadio do* **individualismo.** *O estadio que se lhe segue é o da* **organisação.** *E' onde se encontra a Alemanha de hoje*».

Diante desta noção hierarquizada do Estado, nós verificamos abundantemente a debilidade ingenita do Estado democratico. A ideologia revolucionaria levou-nos durante um seculo a uma concepção abstracta das caracteristicas e das atribuições do Estado. O Estado, esquecidos os condicionalismos historicos que lhe dictavam a existencia passou a ser uma *teoria* e não um facto. Na adulteração crescente da sua finalidade, redundou num artificio que se por um lado reduzia a sociedade a uma poeira solta de individuos, por outro a comprimiu num centralismo apertado e até mesmo tirânico. Veiu a reação contra o seu anonimato tão irresponsavel como envolvente. Por obra propria do instinto da comunidade em se conservar, o Sindicalismo entrou a definir-se, embora preso de pésimas inspirações anarquistas, com quanto cheio das mais asperas negações sociaes. Era a fase da elaboração, em combate cerrado contra os factores que lhe ameaçavam de morte rapida o desenvolvimento se a agressividade o não resguardasse constantemente. Estabelecendo e salientando a idéa de Profissão e o espirito de Classe, não obstante as perversões colectivistas que lhe perturbam por ora a segurança e a marcha, o movimento sindicalista é assim, no polo oposto ao nosso, um começo de restauração da sociedade pela substituição do *pluralismo organico* ao *atomismo revolucionario*, — consintam-se-me a expressão.

Porque considera apenas os fenomenos economicos, o predominio transitorio da mentalidade democratica na sua massa geral, conde-lo á ignorancia se não ao desprezo das razões geograficas e historicas que determinam e impõem a vida das patrias. Não se lembra por outro lado que as classes constituidas no seu interesse e na sua energia, precisam de coexistir, duradoira e pacificamente, para não se tornarem em elans adversos, jurando-se o exterminio reciproco. O federalismo nos surge nesta altura como termo de ligação. Mas que força centripeta e coercitiva garante e sanciona essa ligação, que por sua indole os diversos antagonismos colectivos poderão de momento para momento repelir e quebrar? Só a força derivada dum orgão ponderador que, forte pela sua independencia e pela sua posição, imponha a paz e realize a coexistencia. Eis como caimos no reconhecimento da necessidade imperiosa do Estado. De resto, o Sindicalismo, sem a unidade central do Estado, seria o regime de desagregação fratricida deque os *soviets* da Russia são o exemplo acabado.

E' pela defesa do Estado historico, reduzido ao minimo, que é como quem diz, ao exercicio de suas funções especificas, que o *Tradicionalismo* completa o *Sindicalismo*, recebendo dele a recomposição da sociedade baseada no federalismo das classes. A tentativa de conciliação possue já o seu filosofo em George Valois na *Monarchie ouvriere* e em Edouard Berthe no *Ellefaits des intelectuels*. Mas olhemos ainda á doutrina de Duguit, para quem o Estado aparece apenas como um *acto de força*, como um mero *facto objectivo*. Semelhante conceito de Estado, nascido da existencia da sociedade em se manter, é o conceito das formações primitivas em que, á anaquia revolta dos bandos um mais destro e mais dotado se sobrepoz. Foi, nesse criterio materialista do Poder, como a autoridade se constituira na dissolução do mundo antigo durante o periodo tragico das invasões barbaras. Revestido dum pretencioso aparato juridico, não era outra a essencia do *imperium* em Roma. O Para deste modo é uma *circunstancia*, é um *incidente*, não é uma *instituição*. Dado que se torne numa *instituição*, exige-se que o *facto objectivo* se acompanhe dum *direito subjectivo* que o *humanize* e *responsabilise*. Nisto, e não apenas na força, reside a *legitimidade* do poder.

Comentando a doutrina de Duguit, comjustesa repara Posada: — *Desde o momento em que o Estado se concretize num grupo monopolisador de maior força na sociedade, — e na da sociedade —, forçá que resulta da soma de forças individuais ou duma posição historica proeminente, como por exemplo, a detenção de propriedade e o desfructo dos meios de produção, como dizia Marx, surge a sugestão inevitavel da oposição entre o grupo monopolisador dos governantes e os outros, governados e submetidos; e o perigo que se deseja evitar da omnipotencia do poder politico mais se agrava do que se favorece. E não basta para o desvanecer invocar a regra objectiva do direito como um principio ao qual devem obedecer os governados, — porque em verdade, em nome de que principio ideal, se não queremos dizer superior, se ha de impôr aos governantes, que são os monopolizadores de maior força, a observancia dos limites que regulará a sua actividade pela norma objectiva do direito?*

Sem concluir, a critica de Posada é transparente. Concluiu Barth e colocou o problema Georges Valois. O Sindicalismo, para vencer e durar, importa consigo a hereditariedade do Poder, que é a unica forma do Estado se incarnar numa consciencia que o humanise e responsabilise. Escuso de aludir tambem ao egoismo privado da dinasta obteado, em seu beneficio, o acordo dos diversos egoismos sociaes que é chamado a reger. Tal é a formula politica do Estado de amanhã, firmado na organisação sindical da sociedade e rematada na Realeza *pacificadora*, e não *pacifista*. Visão admiravel a do conde de Paris, ao pronunciar a definição celebre de que a Monarquia em França seria tradicional por seu principio, moderna por suas instituições!

Porque a Realeza é *pacificadora* e não *pacifista*, o *Militarismo* surge em presença do *Sindicalismo*, colaborando com ele, facilitando lhe o desenvolvimento. «Uma nação povoada, — nota Em. Reich —, precisa de prolongar o seu territorio ou de restringir a sua progenitura. Matar a ambição imperialista, é matar milhões de crianças.» Já por palavras differentes o dizia Renan: — «A colonização em maximo grau é evidentemente uma necessidade politica. Uma nação que não colonisa está destinada ao socialismo, á guerra do pobre com o rico». Outra não será com as classes produzindo e proliferando a missão da Realeza militarista, que, na expansão e no engrandecimento, canalisará para fora os agentes de dissolução interna ao mesmo tempo que manterá inalteravelmente acesa a flama patriotica pela unificação de aspirações mais divergentes numa finalidade comum, — a da gloria e a da prosperidade.

A transformação do Estado é hoje inevitavel e faz-se, segundo o rumo da epoca, no sentido em que fica traçada. Como tradicionalistas, abraçamos essa transformação, que vem restituir á sociedade o seu leito perdido e o seu antigo ritmo. Só com semelhante significação é que as conclusões da guerra servirão aos conservadores. Mas como os conservadores se alimentam ainda da mitologia politica do romantismo, creio bem que a solução lhes não servirá. Basta que sirva áqueles a quem o futuro pertence, — e que victimas de um erro em que não laboraram, se dispõem á grande cruzada reparadora, de que sairá remoçada não só uma patria, mas todas as patrias, não só uma geração, mas todas as gerações. Confessemos a nossa fé diante da nova idade do mundo! Outro sorriso a nauhece para a civilização e com ele uma sementeira de promessas fecundas. Pelo Sindicalismo e pelo Tradicionalismo, casados num pacto sagrado, horas melhores virão ao nosso encontro. Sejamos os seus obreiros, — obreiros diligentes a quem a fadiga não assalta. E que a noite de hoje na Liga Naval se traduza para nós na confirmação das verdades que defendemos e que são a recompensa mais bela deste voluntariado ardente de sacrificio em que a nossa existencia se consome, mas em que a nossa alma se dilata!

Antonio Sardinha

## Violencias unionistas?

### Ao sr. ministro da Justiça

No semanario alentejano *O Eco de Reguengos*, de 17 de Janeiro, deparamos com um artigo em que se trata da hipotese provavel da transferencia do escrivão-notario Cunha Reis. Ninguem acusa este funcionario de menos regular no cumprimento do seu dever que na comarca de Reguengos vem exercendo ha mais de vinte anos, com agrado geral.

Acontece mesmo que no referido artigo se publicam dois atestados, um do juiz, outro do administrador do concelho, em que as qualidades morais e profissionais, do escrivão Cunha Reis são francamente reconhecidas e abonadas.

Tem desempenhado as funções do seu cargo *com toda a assiduidade, zelo e inteligencia, e não consta que tenha praticado qualsquer actos de hostilidade ao Regimen ou ao Governo que actualmente preside aos destinos da Nação*. Os atestados são de 11 e 15 de Janeiro.

Pois apezar disto, o escrivão-notario Cunha Reis está ameaçado de ser transferido, só porque assim apraz a um celebre cabo de guerra eleitoral do sr. Brito Camacho, chamado Antonio Miguel Pitaira.

Sabido que a projectada violencia indigna toda a gente honesta da comarca de Reguengos e não havendo base alguma para procedimento disciplinar — ocorre perguntar por que razão oculta este senhor cacique maneja livremente os seus caprichos. Sim, porque será que este sr. Piteira (sem trocadilho) projecta levar o sr. ministro da Justiça á pratica de uma revoltante violencia?

Qual a força oculta de que dispõe o sr. Piteira? Confiadamente esperamos que nas estações superiores não seja sancionada esta manobra de baixa politica, porque no Ministerio da Justiça não está nenhum chefe de quadrilha. E cremos ainda que o Governo do sr. Sidonio Pais não deve fazer jamais recordar o do sr. Afonso Costa, senão por contraste.

Aguardemos e esperemos...

## O Primeiro de Janeiro

Entrou no seu 50.º ano de publicação o nosso ilustre colega diario do norte, *O Primeiro de Janeiro*, a quem enviamos, por esse facto, as nossas melhores felicitações.

## João Veloso

No passado dia 1 partiu para a Africa Ocidental, Ilha do Principe, este nosso amigo e correligionario. Daqui o acompanhamos com os nossos votos de feliz viagem.

Energia robusta e alma clara, João Veloso é um testemunho das qualidades admiraveis da raça. Sabe o que quer e para onde vai. Que Deus abençoe o seu esforço, — esforço duas vezes bendito, por ser de português e de integralista, e que no Portugal de Alem-Mar lhe assista sempre a mesma fé inabalavel nos destinos do nosso movimento!

## "A Ordem"

Completou dois anos de existencia este nosso presado colega. Na imprensa catolica tem *A Ordem* um logar de destaque, marcado e mantido pela grande figura moral e mental do seu director, o nosso mestre e amigo, senhor Conselheiro José Fernando de Sousa.

Na passagem duma data tão significativa para *A Ordem*, nós que tantas vezes a vemos conosco e que tanto nos fortalecemos com o seu aplauso incondicional, julgamo-nos um pouco no direito afectuoso de tomarmos parte na sua alegria e no seu justo orgulho. E' bela a sua obra, bela pela doutrina e bela pelo exemplo.

Que conserve longos anos o seu posto e que nos encontre sempre a seu lado, combatendo os bons combates da Igreja e da Patria.

## El-Rei D. Carlos e D. Luís Filipe

### Missas de sufragio

AVANCA, 3. — Realizou-se em Avanca na capela particular da casa do Outeiro uma missa de sufragio pelas almas de Sua Magestade El-Rei D. Carlos I e Sua Altoza o Senhor Principe D. Luís Filipe.

Assistiram os mandantes e donos da casa sr. José Maria de Abreu Freire e dr. Antonio Thomaz de Bourbon. E como o templo foi franqueado encheu-se de muito bom povo. Foi celebrante o reverendo padre Antonio Costa, capelão da casa.

—I—

COVILHA, 2. — Hoje, na igreja da Misericordia, rezou-se uma missa por alma de Sua Magestade El-Rei Senhor D. Carlos, assistindo muitas pessoas de categoria e em destaque no nosso meio. Nela fez-se representar a Juventude Catolica.

## Dr. Pereira dos Reis

Na séde do Circulo Catolico de Estudos realizou-se, com a inauguração do seu retrato, uma sessão de homenagem a este nosso ilustre e querido amigo. Pela sua virtude e pela sua inteligencia, o dr. Pereira dos Reis é uma figura notavel no meio sacerdotal e contamos no seu aplauso um dos titulos de mais legitimo orgulho do nosso movimento. Apresentamos-lhe a nossas saudações num momento que a sua modestia repelirá, mas que hade deixar raizes na sua emoção. Creia o sr. dr. Pereira dos Reis na amizade da *Monarquia* e na admiração respeitosa com que é por nós seguido e ouvido.

## Notas da Guerra

Os maximalistas triunfam em toda a linha; bem armados e equipados, não só com peças e carabinas em abundancia, mas com os imortais principios da ideologia democratica, a que nem a Europa liberalisada em grande parte, nem o sr. Lloyd George, nem o sr. Wilson sabem responder, vão fazendo tudo o que querem e porventura atraindo o mundo inteiro a uma espantosa comoção, bem mais cruel e sangrenta que todas as guerras militares imaginaveis.

O que fazem porém os democratas de todos os paises para conjurar o tremendo perigo, para evitar a espantosa efusão de sangue? Nada, porque o democrata é como tal um ideologo da força daquele que na frase de Eça, teima em ver a Humanidade de mãos dadas e o trigo a crescer sósinho em searas arcadicas. O democrata não percebe portanto, não pode perceber, os resultados pavorosos que com uma infabilidade matematica hão-de resultar da sua doutrina. Com um embevecimento democraticamente imbecil — isto supondo que se trata de um convicto — ele lá continua a contemplar... nas nuvens o homem regenerado e a ver... nas mesmas paragens, os alimentos produzirem-se sósinhos, interminavelmente, por obra e graça do Espirito Santo. Entretanto, para se estabelecer a egualdade e a fraternidade, os homens matam-se uns aos outros, saqueiam tudo, destroem tudo, até que o democrata — supondo-o sempre um convicto — abre os olhos, vê *que não era nada o que ele queria* e... só lhe resta suicidar-se. E o epilogo é sempre o mesmo: os homens fartos de matanças, horrorisados de tanta relação e destruição, chamam o Bonaparte do momento, o homem que na ocasião maiores garantias de autoridade e de pulso ofereça, e, por meio de uma ditadura benefica, podem de novo viver socegados.

## Manuel Caetano Pereira

Em outro logar publicamos um energico brado. *Pela terra açoreana*, deste nosso prezado amigo e correligionario.

Manuel Caetano Pereira é sempre bemvindo ao nosso jornal e o nosso movimento honra-se com as suas excepcionaes qualidades de trabalho e de inteligencia.

## A lavoura e o Dr. Pequito Rebelo

Do nosso amigo e importante lavrador do Alemtejo, ilustre presidente do Sindicato Agricola de Reguengos de Monsaraz sr. dr. Joaquim Rojão, recebemos a seguinte carta, dirigida ao nosso director, que é um alto testemunho do apreço em que na sua classe é tido o nosso camarada J. Pequito Rebelo.

Publicamo-a com o maior prazer, só nos resta dar o nosso apoio aos desejos da lavoura portuguesa, para que possa ser restituida quanto antes ao labor das suas terras uma actividade inteligente e fecunda que, como autorizadamente afirma o sr. dr. Joaquim Rojão, *não tem por emquanto substituto possivel*.

Segue a carta:

*Meu caro Alberto:*

Como sabes, tenho estado ausente de Reguengos ha muito tempo, por isso só agora, lendo alguns jornais que dali me mandaram, vi na *Monarquia* de 14 do corrente, sob o titulo «Dr. Pequito Rebelo» umas referencias a este nosso bom amigo transcritas da *Vanguarda*.

Este jornal, certamente por mal informada, engloba no numero das violencias feitas pelo sr. Norton de Matos a favor da guerra e em prejuizo de varias industrias, a que deveria ter atendido o caso do dr. Pequito Rebelo.

A verdade acima de tudo, e para a restabelecer, peço-te que publiques a adjunta carta que o dr. Pequito Rebelo me escreveu em 5 de novembro ultimo e que é bastante elucidativa do que a tal respeito se passou.

*Meu Ex.mo Amigo:*

Soube ontem por acaso, numa grande e muito lisongeadora surpreza, que V. Ex.ª e outros ilustres lavradores tinham aproveitado a circumstancia de uma conferencia com S. Ex.ª o ministro do Fomento para lhe edirem, em nome do interesse da lavoura, a minha desmobilização, creio que pela alegação do motivo das minhas experiencias de novos metodos de cultura.

Com efeito, não pelos meus merecimentos proprios, mas por um conjuncto de circunstancias que me puzeram na pista de interessantes investigações agronomicas, julgo poder ser muito util á lavoura nacional pela continuação das minhas experiencias e sua vulgarização; tendo nesse sentido apresentado um requerimento, logo deferido, em que pedia o adiamento do meu embarque que estava marcado para França no passado Setembro, com o fim de organizar as minhas sementeiras e acabar de construir os aparelhos proprios para os metodos aconselhados.

Disso tratei com efeito e em breves dias apresentarei ao Ex.mo Sr. ministro o relatorio das minhas ultimas experiencias e observações.

Nestas condições uma objecção surge á iniciativa tão de agradecer, de V. Ex.ª, em meu favor. Neste momento nada ou pouco teria a fazer aqui no sentido das minhas experiencias; o trigo está a crescer por si e o meu pessoal está adestrado para amanhá-lo convenientemente.

Tenho, pois, todo o vagar para ir a França cumprir um dever, que tenho muito a peito, como o mais alto dever de honra, desde o momento em que, acima de lavrador, sou portuguez de Portugal.

Para as sementeiras da primavera penso que a minha presença aqui seria util; tenciono nessa altura requerer uma licença e, para essa ocasião, fico esperando o apoio valiosissimo e decisivo de V. Ex.ª e dos nossos amigos; nessa altura viria muito a tempo de realizar as sementeiras de milho e de organisar uma larga propaganda em favor do meu metodo, com vista ás sementeiras de outono.

Pedindo a V. Ex.ª o favor de transmitir aos nossos colegas e, se julgar conveniente ao Sr. ministro, a materia desta carta, rogo tambem a fineza de perante eles insistir em que esta resposta é uma distinção, que de resto ainda me não foi concedida, e inspirada nos dictames de um simples dever patriotico e não implica da minha parte a menor sombra de ingratidão por uma attitude que muito me honra, penhora e commove; ficar-lhes-hei eternamente grato por essa manifestação de apreço e amizade, tão generosa em relação aos meus meritos e tão nobilitante, pela autoridade tão respeitavel das pessoas que m'a concedem.

Em especial a V. Ex.ª, que sei ter tomado esta iniciativa, o meu muito profundo reconhecimento, que, logo que possa, irei exprimir-lhe pessoalmente.

Com os meus respeitosos cumprimentos para Sua Ex.ma Familia, sou com a maior consideração e estima

De V. Ex.ª,
At.º Ven.or e Obrg.
Lisboa 5-XI-17
*José Adriano Pequito Rebelo*

Por impossibilidade de ir no dia 6 daquele mês á conferencia aprazada de diversos lavradores com o sr. ministro do trabalho, encarregei o nosso parente e amigo Miguel Fernandes de apresentar a carta aos nossos colegas e ao sr. ministro, sendo depois por ele informado de que ela mereceu a todos e especialmente ao sr. ministro, as melhores e mais justas apreciações do caracter do dr. Pequito Rebelo.

Em vista da carta, desistiu-se da continuação das diligencias começadas, que o sr. ministro se tinha promtificado a secundar junto dos colegas e especialmente do sr. ministro da guerra, para se obter, como todos desejamos, a permanencia em Portugal do dr. Pequito Rebelo até á colheita do trigo, o que proporcionaria aos uma certa e *insofismavel* demonstração da eficacia ou ineficacia do seu metodo integral na cultura cerealifera.

Se pelos antecedentes se pódem prever os consequentes, o sr. Norton de Matos não se oporia, visto que tinha deferido o requerimento do dr. Pequito Rebelo, adiando o seu embarque marcado para setembro, a fim de que pudesse presidir ás sementeiras do outono e ser perfeitamente logico e de interesse para a intensificação da produção do trigo o pedido dos lavradores.

Foi portanto pelo menos prematura a censura da *Vanguarda* neste caso especial.

Póde, pois, concluir-se que o sr. Pequito Rebelo não seria obrigado a embarcar e continuaria á frente da sua importantissima lavoura se não tivesse impedido a continuação das nossas diligencias por fórma tão altamente nobilitante para ele, como da sua carta se póde ver e principalmente do muito notavel periodo dela:

«Tenho, pois, todo o vagar para ir a França cumprir um dever que tenho muito a peito, como o mais alto dever de honra desde e momento em que acima de lavrador sou portuguez de Portugal.

Resta, pois, á lavoura satisfazer os desejos de tão prestimoso lavrador como brioso militar, solicitando do governo licença para ele vir imediatamente para Portugal *realizar as suas sementeiras de milho e organizar uma larga propaganda em favor do seu metodo em vista das sementeiras do outono*.

Creio bem que os Sindicatos Agricolas que conhecem o livro do dr. Pequito Rebelo «Novos Metodos de Cultura» e o lidimo caracter do autor, aliás bem evidenciado na sua carta, não terão duvida em secundar os seus louvaveis desejos, instando junto do sr. ministro do trabalho por intermedio da Direcção Geral de Agricultura para que solicite do seu colega da guerra a conveniente licença.

Na guerra será facilmente substituido o dr. Pequito Rebelo; na revolução agricola que ele está fazendo no país é que não tem, por emquanto, substituto possivel.

Faze, meu caro Alberto, destas considerações o uso que julgares conveniente.

Teu muito amigo
*Joaquim Rojão.*

## D. Maria Amalia Vaz de Carvalho

### As suas bodas de ouro literarias

Iniciou-se brilhantemente, como não podia deixar de ser, a subscrição para a homenagem a prestar á Senhora D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, na proxima celebração das suas bodas literarias.

Em breve começaremos a publicar os nomes dos subscritores que constam das listas que estão nas principaes livrarias de Lisboa.

Pede-nos a Comissão que tornemos publico que não ha qualquer limitação das quantias com que se subscreve, e cada um pode subscrever com o que fôr de sua vontade, na certeza de que todos os donativos serão aceites com o maior reconhecimento.

*

São convidadas todas as pessoas que compõem a Comissão, a reunir-se na proxima quarta-feira, 6, ás 3 e meia da tarde em ponto, na Rocha do Conde de Obidos, n.º 1.

Na impossibilidade de enviar os avisos separadamente, esta convocação serve de convite, pedindo-se a todos que não faltem á hora indicada.

Lêr amanhã:
«O caminho do céu»
editorial de João do Amaral

OUTRO MUNDO
Lembranças da Terra & dos Homens
POR
Hipólito Raposo
1 vol. 600 réis

## Quem são os germanofilos?

Vá lá de perguntar quem são os germanofilos, com o seu quê de dubitativo, não vão julgar que aqui temos ás mãos provas esmagadoras contra vendidos á Alemanha, nem vão julgar tambem os estrangeiros, e principalmente aqueles que nos não veem com bons olhos, que aqui, em Portugal, sob este ceu azul, ao calor das tradições mais belas, ha portugueses indignos, que atraiçoem, que intriguem, que se vendem e que vendem a sua patria, os seus irmãos, os seus soldados.

Vá lá de perguntar: — quem são os germanofilos?

Nesta interrogação vai uma duvida, e oxalá que ela nunca tenha uma certeza repugnante e baixa como resposta, para bem de todos, amigos e inimigos, e sobretudo para bem da nossa Patria que devemos colocar bem alto, acima de todas as paixões politicas, de todos os interesses pessoais, porque a nossa Patria deve tomar sempre uma atitude honrada e nobre, para que os nossos inimigos nos respeitem, e os nossos amigos continuem a confiar em nós.

Quem são os germanofilos?

Chegou-se uma vez a uma conclusão vexatoria e mesquinha, ridicula e deprimente, a uma conclusão cavalo de batalha dos politicantes sem escrupulos, dos politicantes falhados, dos politicantes vergonhosamente sectaristas: — quem não era democratico, quem não aplaudia o sr. Afonso Costa, era monarquico-germanofilo!

E havia um jornal que todos os dias, a proposito de tudo e de nada, indigitava á populaça, á famigerada justiça do povo, aos caceteiros afonsistas, — os monarquicos, os que se conservavam persistentes na sua fé, como germanofilos, como vendidos á Alemanha, e como capazes de venderem Portugal por qualquer quantia...

Era um processo indigno e sujo do baixo jornalismo. Um processo que um

certo governo não se envergonhou de perfilhar e de seguir, mandando para Espanha meia duzia de jornalistas acusados de germanofilos, por terem acusado alguns democraticos!

Este processo seria ridiculo, profundamente ridiculo, se não fosse infame, se não tivesse trazido lamentaveis consequencias.

Difamaram-se os admiradores da Alemanha. E difamaram-nos insidiosamente, porque não compreenderam que os admiradores de imperio do Kaiser, viam na Alemanha uma demonstração perfeita, indiscutida, da *politica latina*, e não um país imensamente rico que nos poderia encher de oiro, se transigissemos, se nos vendessemos.

Mas os democraticos não compreenderam ou não quizeram compreender, que o que os amigos da Alemanha viam nela era o seu espirito latino, a sua monarquia, amada e compreendida pelos alemães, com as suas leis proprias e as suas competencias. Admirar nos outros o que é nosso, o que através dos seculos criámos e aperfeiçoámos pela experiencia, não é vendermo-nos, não é atraiçoarmos a nossa patria.

Atraiçoar a Patria é ir ao lixo da Alemanha, é ir ao que ela desprezou como imperfeito e fragil, e trazer para Portugal a democracia, a democracia imoral, onde todos vão, onde todos podem triunfar, não os mais sabios, mas os mais habeis, não os mais honestos, mas os mais perfidos.

Se é dentro da monarquia que as convicções se robustecem perante a experiencia historica, se é dentro da monarquia que só as minorias cultas, as minorias das competencias, governam e dictam leis ás maiorias anonimas, se é ainda dentro da monarquia que o patriotismo é mais alto, mais definido, como se compreenderia que houvesse monarquicos que se vendessem á Alemanha ou a outra nação?

Os democraticos para esmagarem os seus inimigos atiraram com a arma mais traiçoeira, acusaram os monarquicos de vendidos á Alemanha.

Se havia gente miseravel que se seduzia com o tinir de oiro, e se vendia á Alemanha, era acusar sem medo, sem rodeios, essa gente indigna, e aponta-la a todos e leva-la aos tribunaes.

Porque é que os democraticos não disseram, eem condanaram os germanofilos com que enchiam a prosa e com que atacavam os monarquicos?

Porque, felizmente, não havia germanofilos, porque até hoje, quero cre-lo, nenhum português desceu da sua honra, nenhum português poz á venda a sagrada patria dos nossos mortos.

A nenhum monarquico se pode acusar de germanofilo. Todos os monarquicos sabem estar no seu posto, e todos compreenderam que esta hora tragica que passa é um abismo que se nos pode abrir aos pés, inante, fatidico, sem remedio... contra os monarquicos não ha provas nem ha aparencias.

Os pangermanistas democrrticos, sim. Esses teem aparencias comprometedoras contra o seu germanofilismo. Movem-se, agitam-se dentro das ideias alemãs e teem relações com gente vendida á Alemanha.

Quando a bailarina austriaca Mata-Hari veiu a Lisboa, com a sua belesa e a sua sedução, ela só republicanos se relacionou. Viu o campo entrincheirado, e entrou na redacção do «Mundo». O espanhol D. Rodrigo Soriano, que vendeu o jornal e as convicções á Alemanha, é credor de beneficios e amisades aos republicanos. Bolo-Pachá, que breve vai ser julgado nos tribunais como traidor á França, é amigo dos mais intimos do sr. Afonso Costa. Do sr. Afonso Costa são amigos tambem Malvy e Caillaux. Os republicanos teem contra si aparencias graves. Afonso Costa é amigo de germanofilos, Leote do Rego fez um dia o elogio de Guilherme II, e Antonio José de Almeida, bombasticamente, deprecion á Inglaterra.

Admiremos na Alemanha a sua *monarquia latina*, a sua literatura, a sua arte e todas as mais altas manifestações intelectuais. Mas admiremó-la com reserva, e sem exagero. A admiração é uma inferioridade. Mas não odiemos tambem a Alemanha doentiamente, como o José do Vale que mandou ajoelhar o kaiser, porque o odio sistematico é uma admiração doentia e surda!

E' necessario que tenhamos sempre a consciencia de nós mesmos, do nosso valor e do que podemos realizar ainda. Nós portugueses não sômos um povo decadente.

Estrangeirados um pouco nu nossa arte e nas nossas ideias politicas com liberalismo e democracias, nós ainda conservamos latente e intacto o fogo sagrado da nossa resurreição. Quando nos encontrarmos, quando soubermos dominar e surpreender este labirinto de ideias confusas e pangermanistas, nós seremos, não o que fomos, mas o que sempre deveriamos ter sido.

Da Alemanha, como da Inglaterra, nada devemos esperar. Tanto uma como outra nada nos podem trazer. A força está em nós.

E' preciso pois, que saibamos empregar essa força, com as nossas proprias mãos. Ha uma vida mais alta, mais nossa e mais fecunda dentro em nós. Pois bem, é preciso viver essa vida. Preparemo-nos para viver essa vida que ha muitos anos deixámos de viver, por uma outra vida, falsa, impropria, infecunda.

Que admiremos á Alemanha com reservas e sem entusiasmos doidos, compreende-se. Mas que a odiemos doentiamente e lhe aceitemos a sua democracia, não. Precisamos de ser uma coisa de que nos temos esquecido de ser:—portugueses.

Encaremos com inteligencia e serenidade, como um povo que tem todas as condições de triunfar, os factos que se desenrolam.

Saibamos apreciar a guerra e as suas consequencias.

Vejamos a França enfraquecida pela democracia. Que seria dela, se o seu heroismo, o seu patriotismo, o seu desejo de vingar, não surgissem nesta hora torva de sangue e de incertezas? Vejamos como a Alemanha resiste heroicamente. Vejamos tambem como a Inglaterra, que não tinha espirito militar, se corroeu de gloria com o seu esforço admiravel. Vejamos como a Russia se perdeu vergonhosamente com a sua democracia, como ela já não tem forças para ir de encontro aos alemães, e aos proprios russos anarquisados.

A democracia será uma coisa admiravel... para a Alemanha triunfar. Foi com a democracia na Russia que a Alemanha acaba de vencer esta nossa aliada. E' um triunfo inglorio e facil.

E' uma pagina pouco honrosa para a historia da patria de Guilherme. No fim da guerra, não se pedirá á Alemanha os loiros desta guerra e do seu triunfo, na Europa oriental. O seu triunfo é facil e inglorio.

Mas será á Russia, aos que proclamaram e implantaram a democracia, que se devem pedir contas da sua derrota.

Com que fim se implantou a democracia na Russia?

Sabe-se de ha muito o que é a democracia. Conhecem-se-lhe tambem de ha muito as suas consequencias desastrosas.

A Russia resistia, a Russia avançava. A Alemanha, que seria dela, com tanto inimigo á roda?

Um belo dia rebenta uma revolução na Russia. O csar é preso, a democracia implantou-se. E a Russia que resistia, deserta, a Russia que avançava, recua. A Alemanha, até ai incerta do seu triunfo, avança, conquista, assenhoria-se. A Russia está sob os pés dos soldados alemães. O seu destino está nas mãos da Alemanha.

Para que se implantou a democracia na Russia? Para que? Serão os seus democratas, germanofilos?

A pergunta ai fica, com a sua duvida.

Em Portugal não ha germanofilos. Sete anos de democracia não assassinaram o brio português, não desmoralisaram a honra portuguêsa. Se houvesse germanofilos, não era aos democraticos que caberia o papel de acusador. Porque antes de acusarem os miseraveis que se vendessem á *Alemanha*, teriam de acusar-se primeiro, porque são pan-germanistas.

Teriam de acusar-se primeiro, eles que nos levaram para a guerra, sem que para isso estivessemos preparados, eles que com a sua incompetencia são os responsaveis dos vergonhosos desastres na Africa.

Sejamos portuguêses. Não nos deixemos seduzir com palavras romanticas, nem com liberalismos, nem com democracias. A democracia é só util para a Alemanha vencer. Sejamos portuguêses e latinos em tudo, nas nossas ideias e na nossa concepção.

O nosso triunfo, quando o houver, será á nossa propria custa. A nossa salvação não está na Alemanha, a nossa riqueza não está no oiro boche. Salvação e riqueza estão em nós, apenas em nós.

Perdemo-nos, transviamo-nos com ideias pangermanistas. A guerra tem-nos dado lições severas. Nós que nos afastamos de nós mesmos com ideias falsas da Alemanha, saibamos regressar a nós mesmos e á nossa Patria com ideias latinas.

**Rebelo de Bettencourt**

# Pela terra açoreana

## Em prol da verdade

Um illustre J. B. que se proclama açoreano, e, portanto, meu conterraneo, escreve hoje na «Capital» grandes inexactidões e grandes infamias acerca do Partido Regionalista ha pouco fundado em Ponta Delgada. J. B. foi infelicissimo. Começa por negar que o partido regionalista seja preponderante, ao mesmo tempo pede que lhe mostrem o programa, os seus chefes e os adeptos. Em que logica, em que raciocinios, se fundou J. B. para negar a preponderancia de um partido cujo chefe, adeptos e programa ainda desconhecia? E como poude J. B. insinuar que esse partido, seu desconhecido, tem tendencias separatistas? E a que proposito fala de traidores e de *quanto lhe pagaram para ser separatista?* Então conhecia ou não conhecia o programa e o chefe do P. R.?...

J. B. conhecia pelo menos o chefe, e prova que o conhecia quando se refere a um telegrama que o grande portuguez e ilustre micaelense, hoje á frente daquele partido, enviou ha dias ao governo, desmentindo infamias que por cá circulam. J. B. conhecia que com aquele ilustre micaelense está a élite da sua terra; J. B. conhecia que a élite açoreana ama a Patria Portugueza, ama e defende a integridade nacional. J. B. conhecia, portanto, que o Partido Regionalista, qualquer que fosse o seu programa, é pela integridade da Patria, é pela integridade da Nação Portugueza. Como se permitiu dar á publicidade, sr. J. B., a infamia de atribuir a esse partido tendencias separatistas, a infamia de, á mistura, falar em traidores, e de *squanto thepagaram para ser separatista?*

A atitude de J. B. é mui compreensivel e até mui desculpavel. J. B. mostra-se, na sua carta, um devotado republicano; ora o Partido Regionalista é a morte lo republicanismo açoreano. O P. R. sepultou o camachismo e o afonsismo na ilha de S. Miguel, e condenou-os á morte em toda a terra açoreana. A influencia de Brito e Afonso está aniquilada nos Açores; pois o sr. Antonio José... é um illustre desconhecido naquelas paragens do Atlantico. J. B., devotado republicano, deve ter escrito num momento de desespero. Ele sabe que, mesmo sob o terror afonsista, a atividade do sr. José Maria Raposo do Amaral, o ilustre micaelense e grande portuguez que está á frente do P. R., bastou para derrotar fulminantemente a união democratico unionista nas ultimas eleições administrativas! A atitude de J. B. é mui explicavel e mui compreensivel, e mui desculpavel...

O Partido Regionalista de Ponta Delgada, fundado pela alta classe social micaelense, que tem o apoio de todo o honrado povo micaelense, é o penhor mais seguro de que os Açores *são* e *serão sempre* uma parte integrante e inseparavel da Patria Portugueza.

Coimbra, 29-1-918.

**Manuel Caetano Pereira.**

# «Canções de saudade e Amor»

Foram postas á venda, numa gentil edição que sai inteiramente dos moldes das nossas edições de musica, estas canções ou «lieder» de que são autores Afonso Lopes Vieira e Ruy Coelho.

A esta tentativa, nova entre nós, liga-se um profundo sentido nacionalista, não apenas como traduzindo ela, em poesia e musica, a feição lirica portugueza, mas pretendendo sobretudo criar e desenvolver o gosto pelo canto na nossa linguagem, cuja admiravel musicalidade se poderá avaliar por estes «lieder». Será do mais belo e significativo alcance que as senhoras portuguezas se habituem a cantar em portuguez, e nós temos por absolutamente verdadeiro aquele «aforismo» com que, entre outros, Afonso Lopes Vieira termina o prefacio que acompanha estas canções:—«E' evidente que cada pessoa só pode cantar bem quando canta na sua propria linguagem.

# Musica

## Sociedade de Concertos

Despediu-se de Lisboa, na passada quarta-feira o *Trio Femina* ao qual já nesta secção nos referimos com o merecido elogio.

O segundo concerto e sobretudo a execução do trio de Maurice Ravel que o abria, mais nos radicou a excelente impressão. Os executantes são nesta obra, submetidos a terriveis provações, tendo a pianista M.me Caffaret que nos revelar um novo aspecto do seu belo talento: o modo de interpretar a musica moderna, o que não é para o piano uma tarefa banal. As qualidades de *fondu* nos efeitos de sonoridade, o vigor, a maneira decidida e compreensiva como atacou os mais rebarbativos agregados de sons, fazem deste artista uma individualidade de primeira plana.

Não queremos dizer com esta especialisação dos merecimentos modernos de M.me Caffaret, que as restantes artistas Melle Astruc e M.me Caponsacchi não tivessem no desempenho das partes de violino e violoncelo, vencido com a mais perfeita «aisance» tremendas dificuldades; pelo contrario, apontado o facto que julgamos incontestavel do requinte de escabrosidade a que se chegou na moderna escrita para piano cumpre-nos louvar sem a minima restrição o conjunto e o modo de interpretar, concordando até com a aceleração de andamento que especialmente notamos no «Pantoum».

Como obra de arte deixou-nos o trio de Ravel a mais profunda impressão. Dizer simplesmente que nos agradou é pouco para traduzir quanto nos fascinaram aquelas raras sonoridades em que podemos encontrar todo o requinte harmonico de Debussy com mais alguma coisa, não sabemos que energica e constante vida ritmica por vezes apenas interior, diferença essencial da maneira destes dois mestres, que só a mais absoluta incompreensão do que seja musica moderna, poderá achar semelhantes.

Mais que em qualquer das suas obras, incluindo mesmo o quarteto, dá Ravel neste trio largas a uma generosa expansão lirica, á qual deveras lamentamos se não entregue mais vezes e durante mais tempo, visto ser esse lirismo tão belo e tão caloroso. Reina em toda a obra uma tão justa proporção, uma tão perfeita unidade tematica de andamento para andamento, que se tornam impossiveis as preferencias.

Tudo é belo e rico desde as capitosas sonoridades com que o piano inicia o primeiro andamento, até ao exuberante final e tudo é sempre fundamentalmente vitoriosamente latino. E' uma obra de fina sensibilidade da raça latina, do seu gosto requintado, do seu sangue ardente, da sua vivissima imaginação. Longe de nós os pastelões indigestos que os *Kapelimeister* de além-Reno infatigaveis continuam a burguezmente fabricar e tenhamos fé numa raça que possue pelo menos a superioridade que teve Atenas sobre Roma e que esta mais tarde teve em relação aos antepassados dos actuais *Kapellmeister* que nesse tempo usavam o nome de «barbaros».

## Concertos Blanch

Quando na epoca passada a orquestra Blanch executou pela primeira vez as variações «Enigma», de Sir Edward Elgar, já criticavamos neste jornal, tendo portanto tido ocasião de elogiar a obra, a mais celebre e a melhor do repertorio sinfonico inglês contemporaneo. Ouvindo-a ontem de novo, verificámos que se já o soubessemos advinhariamos atravez dela em Elgar o autodidata. De facto só quem estudou só, ou quem depois de terminados os estudos tecnicos se ensimesmou durante longos anos de trabalho preparatorio, pode conceber e executar uma obra de arte com tais caracteristicas de reflexão e de perfeito acabamento. A propria emoção nos chega a parecer uma consequencia benefica do equilibrio dos meios exteriores e da limpesa do entrecruzado ramal contrapontistico. Elgar parece-nos um Brahms com mistura de Mendelssohn, do Mendelssohn pouco conhecido dos catolicos, do Mendelssohn do «Paulo» e do «Elias».

Eta influencia mendelssohniana, não impede que Elgar, aliás um excelente catolico romano de convicções e colaborador do falecido cardeal Newman, possua na sua bagagem armonica alguns acordes que embora sempre muito discretamente empregados, são de um moderno que já conheceu Wagner.

Depois de tudo isto podem os leitores imaginar que a musica de Elgar tem pouca originalidade. Se essa impressão démos, a culpa é unicamente da palavra que nunca ha de conseguir explicar musica. O grande compositor inglês tem até uma forte personalidade. E' certo que não nos traz nem nos pretende trazer processos novos, mas prova-nos exuberantemente que isso não é indispensavel nem mesmo necessario para se ter uma «maneira» individual. Essa maneira atinge-a pelo modo voluntario e seguro como amolda a pasta sonora, pela seriedade da sua linha melodica e pelo tratamento da orquestra.

O «Till Eulenspiegel» repetiu-se, com um excelente acolhimento do auditorio, que decididamente não é hostil á musa moderna.

Comentamos que se não execute mais vezes a «Espana» de Chabrier que por aí anda desfigurada num «desarranjo» para piano de Waldteufel em «suite» (!) de valsas.

E' prodigiosa de instrumentação para a época, esta fantasia que tem a força e a vivacidade de côr e de ritmos, qualidades principais da musica desse genial precursor.

## Concerto Mantelli

Ha muito admiramos o talento e a capacidade pedagogica desta excelente artista que por felicidade se lembron de fixar residencia neste país onde ha tantas vezes aproveitaveis desviadas do bom caminho e da boa empestação pelos fados e pelas guitarradas.

Como professora, madame Mantelli, que foi uma aluna laureada do Conservatorio de Milão, alem da artista lirica que todos aplaudimos em S. Carlos, alia ao mais perfeito conhecimento da tecnica do canto, a faculdade não vulgar de discernir e valorisar as diversas «nuances» de talento dos seus discipulos. Dificil se torna portanto apontar qualquer deles em especial, certo como é que cada um interpretou o genero que lhe competia e em que mais podia brilhar.

Na impossibilidade de citar cada um de per si os trinta e trez numeros de que constava o programa, não queremos porem deixar sem referencia os sres: Luiz e Jorge Macieira, e as sr.as: D. Alice Sauvinet Bastos, D. Beatriz George, D. Manoela Navarro Sampaio, D. Madalena Metelo Antunes, D. Maria Pires Marinho e D. Maria Amelia Cid.

A arte portugueza estava representada por uma deliciosa peça de canto e piano do nosso ilustre compositor Augusto Machado, exemplo notavel de como um artista, evolucionando sempre, nos pode apresentar uma obra em que ha todas as conquistas armonicas dos mais modernos processos. Muitos artistas dos mais celebres não se podem gabar de ter acompanhado de um modo tão compreensivo a actual e vertiginosa evolução da tecnica musical, orgulhamo-nos pois de que um portuguez tenha essa inteligencia e esse saber.

L. de Freitas Branco.

**INUNDAÇÕES GRANIZOS E ENXURRADAS**

SEGUROS contra estes riscos, e SEGUROS pecuarios contra acidente e morte natural efetiva a *Comp.ª de Seguros «Atlantica»*, Loios 5, 1.º. Porto da qual são delegados em Lisboa

**V. Cunha & C.ª**

*R. do Comercio, 28, 1.º—Tel. 4306*

# Juventudes Monarquicas Conservadoras

### Nucleo Regional de Lisboa

Realisou-se ontem, em 2.ª convocação, a assembléa geral ordinaria para apreciação do relatorio e contas da direcção e eleição dos corpos gerentes deste Nucleo.

Aprovados o relatorio e contas por aclamação, procedeu-se em seguida á eleição dos corpos gerentes para o ano corrente, ficando assim costituidos:

Assembleia geral — Presidente, Conde de Arrochella, 432 votos; secretarios, dr. Pedro Augusto dos Santos Gomes, 522 votos; dr. Armando Cordeiro Ramos, 430 votos.

Conselho fiscal— Presidente, dr. Francisco Assis Teixeira de Magalhães e Menezes (Felgueiras), 430 votos; vogaes, Alberto Carlos Lima de Sousa Rego, 431 votos; José Maria d'Abreu (Idanha), 417 votos.

Direcção— Dr. Augusto Camossa Nunes Saldanha, 430 votos; Conde de Cabriz, 430 votos; dr. Fernando Cortez Pizarro de Sampayo e Mello, 430 votos; José Maria Telles da Sylva (Tarouca), 430 votos; José de Sucena, 430 votos

# Livros novos

**Cartas sem destino**, escritas por Alfredo Pimenta; 1 vol. cart. 500.

**O inglez como cial**, elementos de tradução, leitura e pronuncia, por Ladislau Batalha, 1 vol. cart. 600.

Parceria A. M Pereira-Livraria Editora

**Rua Augusta, 44 e 45**

# Necrologia

## Coronel José Ferreira da Silva

Faleceu no Porto este nosso querido amigo e prezado assinante. O coronel José Ferreira da Silva Junior foi o antigo comandante de infantaria 2 e quando do Cinco de Outubro a sua firmeza militar custou-lhe vivos dissabores.

E' um bom que desaparece, confortado com os Sacramentos da Egreja, fiel aos grandes ensinamentos morais da nossa tradição catolica e monarquica. Com intima e profunda tristeza o vemos sumir na confusão das formas transitorias, a ele que guardara consigo todo o humor da velha raça alentejana, de mãos largas e coração aberto. Lembramos a sua alma á piedade dos nossos leitores e cá de longe, sobre a pedra que lhe cobre os restos, desfolhamos a expressão sincera e comovida da nossa saudade.

**MONTE-PIO COMERCIAL E INDUSTRIAL**

*206, R. Augusta, 214*

*54, R. d'Assunção 56*

**Emprestimos** sobre joias, ouro, prata e papeis de credito. Juro maximo, 5 réis por cada 5 tostões.

**Cofres para alugar nas casas fortes**

# Carnaval de 1918

### No Coliseu dos Recreios

Os que gostam de divertir-se no Carnaval não faltarão ao Coliseu dos Recreios, pois já sabem de ha muitos anos, que ele bate o «record» destas festas, pela imponencia e vastidão da sua sala de espectaculos, a maior da peninsula. Este ano estreia-se uma companhia de variedades, da qual fazem parte trez autenticas atracções, e muitas outras novidades nos estão reservadas.

### No Eden

Iniciam-se no domingo proximo, as diversões carnavalescas no Eden, representando-se, na 1.ª sessão, em «reprise» «O 51», em que ha novidades sensacionaes e na 2.ª sessão «O Novo Mundo».

Depois, haverá um deslumbrante baile de mascaras.

**O «Monte-Pio Geral», realiza com facilidade, a prazo e em corrente emprestimo sobre predios urbanos em Lisboa e concelhos limitrofes, ao juro de 5 1|2 0|0.**

# Contra a guerra

**A «COMPANHIA GARANTIA» efectua seguros de GUERRA, bem como contra TUMULTOS e GREVES. Agencia: José Henrique Totta & C.ª, banqueiros R. Aurea, 69 a 75. Telef. n.º 158 9-C.**

# Jornadas e Salões

DIPLOMATAS

Mr. Jonesco, ilustre ministro da Roumania entre nós e sua esposa, que se encontram hospedados no Grande Hotel Central, ofereceram ontem um jantar intimo a que assistiram:

M. Deuchenell, Viscondessa e Visconde de Gracia Real, dr. Alfredo de Abreu Macieira e D. Maria de Andrade Macieira e José Vieira da Silva.

ANIVERSARIOS

Fazem ámanhã anos as sr.as:

D. Maria Luiza Bivar de Sampayo e Melo.
D. Emilia Allen Archer.
D. Maria José Vanzeller Guedes.
D. Adriana Correia de Moura Coutinho Homem.
D. Maria José Oom.

e os srs.:

D. Manuel Ribeiro da Silva de Bragança.
D. Joaquim Manuel (Tancos).
Antonio Felix da Costa.
Alberto de Paiva de Morais.
Carlos Braga Affilalo.
Alvaro de Almeida Marta.

DOENTES

Está doente o sr. Marquez de Sousa Holstein.

FESTAS DE CARIDADE

Realisou-se ante-ontem de tarde e ontem de noute, nas salas da Liga Naval Portuguesa, uma interessante festa de caridade organisada por uma comissão de meninas da nossa aristocracia.

No salão de entrada estavam varias instalações muito originais e graciosas vendo-se grande quantidade e variedade de objectos expostos que muito tentavam os pequeninos compradores; á direita a grande roda e á esquerda a pesca que foi sem duvida alguma a instalação que maior frequencia teve durante a «kermesse».

Depois sucediam-se as outras barracas, cheias de faianças, de «bibelots», de pequenos «abat-jours» pintados e guarnecidos a lindas rendas, etc., etc.

Na sala de leitura da Liga estava instalado o «tea» que esteve egualmente muito concorrido e no salão nobre dançou-se animadamente.

A assistencia era numerosa e elegantissima.

**Palmyra Callixto**

**Tratamento de senhoras e creanças**

Massagem medica manual e electrica Gymnastica medica e sueca. Tratamento da pelle e cabellos. Manucure.

*Calçada do Sacramento, 97, 2.º*

TELEPHONE 4559

## Farto de viver

Na quinta Seca, ao Campo Grande suicidou-se hoje o seu arrendatario sr. Antonio Duarte de Jesus.

**Perfumaria Balsemão**

141 RUA DOS RETROZEIROS 141

TELEPHONE N.º 2777—LISBOA

# Ecos da intentona

## Ameaças—A formiga no governo civil

Varios revolucionarios do 5 de dezembro teem recebido muitas cartas anonimas ameaçando-os de morte para quando chegar a hora da vingança, que será tremenda, dizem.

Numa dessas cartas, dirigida a um revolucionario lê-se o seguinte a proposito dum caso passado no governo civil.

«Saiba, pois, que ainda lá temos camaradas nossos ao serviço, os quaes nos avisam de tudo quanto lá se passa contra nós.»

Isto é uma grande verdade. Teem lá «camaradas» e quem os proteja.

—A policia continuou, a noite passada, a fazer rusgas em toda a cidade, prendendo ao todo uns 50 individuos muitos dos quaes com cadastro.

Só na area da esquadra dos Terramotos foram presos uns 30 desses individuos.

—Com a nova reforma da policia vão ser nomeados mais 30 agentes para policia de investigação.

—Por dar vivas a varios individuos democraticos, encontra-se preso num dos calabouços do governo civil, o farmaceutico Martinho Fernandes Piloto.

—Foram hoje remetidos para juizo os presos José Maria Antunes, comerciante, e José Martins Rosinha, capataz da Companhia dos Caminhos de Ferro.

Ao Rosinha foi-lhe apreendida em sua casa uma espingarda, duas pistolas «Savage» e um revolver, seis carregadores, 61 balas de pistola «Savage», um carregador de pistola «Parabel» e treze balas para espingarda.

**«A MONARQUIA»**

*TELEPHONE 1635*

**ASSINATURAS**

| | Trim. | Sem. | Ano |
|---|---|---|---|
| Portugal, colonias e Hespanha | 1$450 | 2$900 | 5$800 |
| União Postal | — | 4$700 | 9$400 |
| Brazil | — | 5$400 | 10$800 |

Avulso em todo o paiz: 20 réis

**PUBLICIDADE**

| | |
|---|---|
| 2.ª pagina, linha | 500 réis |
| 3.ª » » | 100 » |
| 4.ª » » | 50 » |

*Comunicados* e *annuncios* a longo prazo, preços a contracto

**A medição dos annuncios é feita pelo linometro de corpo 6.**

# Teatros e cinemas

## Reclamos

**Republica**—Hoje repete-se do Republica a engraçadissima peça em 5 actos «A Pedra no Sapato», com que foi ali inaugurada a época do Carnaval, e que é uma extraordinaria fabrica de gargalhada. A peça tem um enorme sucesso.

**Trindade**—Hoje mais uma recita com a encantadora opereta «Susi», que, como na epoca passada, tem feito um ruidoso sucesso.

**Ginasio**—Hoje repete-se o sucesso da semana passada: a engraçada comedia «Pecados da juventude», em que a ilustre actriz Maria Matos tem uma soberba creação.

A casa, ontem, encheu-se completamente, e para hoje já muito poucos bilhetes restam.

**Eden.**—Continuam as enchentes no Eden, não se fartando os espectadores de com os seus aplausos premiar o belo trabalho dos artistas na famosa revista «O novo mundo».

Hoje, como de costume, representa-se em 2 sessões.

**Avenida**—«Adeus mocidade», a linda e interessante opereta, continua atraindo enorme concorrencia ao Avenida, aonde hoje volta á scena.

A'manhã é a primeira recita da moda, que se repetirá pela semana fóra, e com a qual são iniciadas no sabado as diversões carnavalescas, que prometem correr animadissimas.

## Cinemas

**Coliseu dos Recreios**—O programa do espectaculo da moda desta noite é de ámanhã, no Coliseu dos Recreios, é dos mais notaveis que teem aparecido em Lisboa.

Bastará dizer que se estreia em todas as sessões o segundo episodio do comovente e misterioso «film» «Judex», uma prodigiosissima creação da cinematografia moderna.

Reaparece tambem a «Viagem presidencial ao norte do país», cujo exito tem sido ruidoso, e o drama de Sardou, «Amica».

**NOTA**

**Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser dirigida para este jornal a João Telles, afim de ser publicada.**

## ESPECTACULOS

NACIONAL.—A's 20.30.—Recita extraordinaria com o «Hamlet», em que toma parte o actor Brazão.
REPUBLICA—A's 21—«A Pedra no Sapato».
GINASIO.—A's 9—«Pecados da juventude», comedia.
AVENIDA.—A's 9.—«Adeus Mocidade», opereta.
TRINDADE—A's 9—«Susi».
EDEN.—A's 8 e ás 10.—«O novo mundo».—O quadro novo «Pixes».
COLISEU DOS RECREIOS.—A's 8.50—Espetaculo da moda—«Viagem presidencial ao norte do paiz e sua chegada a Lisboa e receção na Camara»—«1.º episodio do Judex».—1.º, 2.º e 3.º aventuras de Ultus».
SALÃO FOZ.—A's 20 3|4 e 22 1|2—A revista «Terra e Mar».
SALÃO DOS ANJOS.—A's 20—A revista Carnaval Moderno».

Chiado Terrasse—Animatografo e concerto.
Olimpia—Animatografo e concerto.—«Matinées» todos os dias.
Salão Central—(Palacio Foz)—Animatografo e concerto.
Cinema Condes—Animatografo e concerto.—«Matinées» ás quinta-feiras.
Cinema Colossal, Coliseu de Lisboa—Animatografo e variedades.
Salão da Trindade — Animatografo e concerto.
Salão Lisboa, á Guia—Animatografo.
Salão do Rocio—(R. Arco Bandeira)—Animatografo.
Cine-Paris—Animatografo.
Chantecler—Todas as noites fitas faladas.

JARDIM ZOOLOGICO.—Exposição permanente.

**Briquetes para cosinha**

Vendem-se posto ao domicilio, peso garantido. Pedidos á rua do Possolo, 53 Telefone, 2.427 Central.

**Pitta & C.ª**—Camiseiros—Artigos de novidade 195—RUA AUGUSTA 197—Telef. 581

# Notas da Arcada

—O sr. ministro da justiça esteve ontem a trabalhar na nova lei de separação da Igreja do Estado, que tenciona apresentar no proximo conselho de ministros.

Essa lei modifica consideravelmente a actual lei da separação, e depois de aprovada em conselho será publicada ficando comtudo do futuro Parlamento, aprovar ou não definitivamente a referida lei.

—Tambem o sr. ministro do interior, tem já muito adiantada a nova lei eleitoral, pela qual é provavel que seja eleito o novo presidente da republica.

Nessa lei é garantida a inteira liberdade de voto e ampliando o direito do voto.

—O sr. ministro da marinha vae anular o decreto que determinou que o curso de marinha fosse feito em ano e meio, conforme uma lei do governo transacto, passando o curso a ser como antigamente de tres anos completos.

—Passa ámanhã a completo desarmamento o cruzador «Almirante Reis», que está em fabrico nas maquinas e caldeiras, pelo que este fabrico deverá levar uns dois anos.

—O sr. ministro da marinha, em vista de ter dispensado muitos barcos e refundido varios serviços que estavam a cargo da antiga divisão naval, tem trazido uma economio consideravel para o Estado.

—

O sindicato agricola de Trancoso, solicitou do sr. ministro do trabalho, que lhe seja reservado algum enxofre ha pouco chegado a Lubor para ser distribuido pelos seus associados.

—A camara municipal de Tondela, solicitou do governo lhe seja autorisado a importação de farinha hespanhola pela fronteira de Vilar Formoso, na quantidade de 10 mil quilogramas, isenta da respectiva taxa.

—A comissão administrativa do municipio de Odemira, representou ao governo, pedindo não seja permitida a saida de quaesquer quantidade de trigo e farinhas sem que o mesmo concelho esteja devidamente abastecido.

# Livros novos

**Os Paradoxos do Adéme**, por Afonso de Bourbon e Menezes, prefacio de Julio Dantas. 1 vol. br. 400.

**O Prestidigitador Moderno**, por J. G. Oliveira, 3.ª edição, com 100 gravuras br. 400, cart. 500. Parceria A. M. Perei Livraria Editora, R. Augusta, 44 a 46